

RESSUSCITAR O HUMANO: A NECESSIDADE DE REPENSAR O LUGAR DO SAGRADO NA CONTEMPORANEIDADE

RESUSCITATE THE HUMAN: THE NEED TO RETHINK THE PLACE OF THE SACRED IN CONTEMPORARY

Alex Sandro Nogueira Silva¹

Gabriel Maia Felice²

RESUMO: Um olhar para o ser humano é sempre necessário, o qual possibilita analisá-lo dentro de cada contexto e fazer reflexões sobre elementos que o formam. Desse modo, na atual conjuntura o homem caminha por elementos pautados pelos dizeres da ciência, da tecnologia, de ideias que remontam às revoluções e guerras ocorridas entre os séculos XIX e XX. O ser humano moderno é um ser formatado, controlado e desejante, e vai perdendo sua ligação com o Transcendente fazendo que o sagrado perpassasse pela banalização. O objetivo dessa pesquisa é mostrar, diante das banalizações do sagrado, como perceber Deus nos novos caminhos que o ser humano traça no hodierno, uma vez que o sagrado já está perdendo seu espaço pelo deus-dinheiro (consumo), pela Inteligência Artificial e outros. Devemos construir um novo ser humano, o qual deverá caminhar sobre sua própria racionalidade, gerando o cuidado e o domínio, esses geram a construção de si e nessa construção percebe-se Deus, pois o olhar para si revela o Criador, que o plasmou à sua imagem e semelhança.

PALAVRAS-CHAVE: Deus; Banalização; Ser Humano; Construção e Semelhança.

ABSTRAT: A look at the human being is always necessary, which makes it possible to analyze him within each context and make reflections on the elements that make him up. Thus, in the current situation, a man walks through elements guided by the sayings of science, technology, ideas that date back to the revolutions and wars that took place between the 19th and 20th centuries. The modern human being is a formatted, controlled, and desiring being, and he loses his connection with the Transcendent, causing the sacred to pervade by banalization. The objective of this research is to show, in view of the trivializations of the sacred, how to perceive God in the new paths that human beings trace in today's world since the sacred is already losing its space by the god-money (consumption), by Artificial Intelligence and others. We must build a new human being, who must walk on their own rationality, generating care and mastery, these generate the construction of themselves and in this construction, God is perceived, because looking at himself reveals the Creator, who shaped him to its image and likeness.

KEYWORDS: God; Banalization; Human being; Construction and Similarity.

1 Possui especialização em Teologia Contemporânea pelo Claretiano Centro Universitário (2019), graduação em Filosofia pela Faculdade Vicentina – Favi – Pr (2018) E-mail: alexsandro.css@outlook.com.

2 Aluno de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. E-mail: gamafelice@gmail.com

INTRODUÇÃO

No momento presente, a humanidade em todas as suas estruturas é fruto de um itinerário histórico marcado por grandes mudanças, as quais lhe proporcionaram a técnica e com o passar do tempo os melhoramentos vistos no campo da ciência, da tecnologia, da agricultura e da cibercultura. Todos esses existem em nome de um porquê, de uma razão, de um sentido no qual o homem se interessa, os quais estão atrelados a política, a economia, a religião e a cultura. E estes fragmentos montam o sujeito contemporâneo, mas alguns deles são deixados de lado por aqueles que são detentores do discurso não concordarem com suas ideias, especialmente as que não estão alienadas e não desejam a formatação do sujeito mais sim sua liberdade.

A liberdade que foi implantada na modernidade ao nosso ver teve seu consentimento distorcido. Em benefício de tal ação, muitos gritaram “Deus está morto”, desejando que os seres humanos fizessem sua emancipação do sagrado, da ética e da moral que este fundamenta. Tal acontecimento faz com que a sociedade caia em um esquecimento de si própria e se apegue a razões de outros. Dessa forma, o humano não é mais visto como “ser”, mas como coisa, ou seja, objeto que consome, pois é retirado dele elementos essenciais e no lugar são impulsionados desejos para suprir essa falta, formando assim o humano que é controlado e formatado, não mais o ser humano que é livre e se assemelha ao Criador.

Nossa intenção é percorrer sobre alguns elementos de banalização que vem surgindo na sociedade, de modo mais específico as que acontecem no sagrado, para diante delas perceber Deus nos novos caminhos que o ser humano traça no hodierno. Vemos a necessidade da construção de um novo ser humano, e propomos uma volta ao passado para responder a essa indagação. De início, abordaremos a morte de Deus e consequentemente a morte do humano, causando uma desumanização. Na segunda parte, analisaremos uma questão própria do ser humano, o desejo, que através do poder vem construindo a dessemelhança ao Transcendente, fazendo com que o sujeito caminhe ao encontro dos fenômenos que constroem a sociedade contemporânea como a tecnologia, a ciência e o consumo. Por fim, adentraremos em uma narrativa Bíblica, no livro do Gênesis, para propor ao ser humano um olhar sobre si mesmo, que perpassa a semelhança ao Criador, sob a égide do conhecimento que gera o cuidado, o domínio e a construção de si próprio.

1 DA MORTE DE DEUS À MORTE DO HUMANO

Nesse momento, iremos caminhar sobre elementos que em nossa visão, além de causar a banalização do sagrado, causam um processo de desumanização, que leva ao mal moral, afetando tanto o indivíduo quanto a sociedade e serão difíceis de retrocederem. Tais acontecimentos são frutos de transformações que a humanidade vem passando desde

os últimos séculos, já determinados como séculos da Era Moderna, e os desfechos destes remontam o ser humano contemporâneo. Todavia, as transformações que vão se dando nesse itinerário de século XIX ao XXI já são constatadas nos mais variados campos da civilização, a saber, a ciência, tecnologia, agricultura, religião, política, economia e outros. Mesmo assim, não se pode esquecer que, diante dos avanços que a sociedade vem acumulando ao longo de sua história, homens e mulheres vivem à mercê de um sistema que a “alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente” (EG 52).

Nota-se que, quanto mais o ser humano cresce diante do uso da racionalidade, gerando benefícios a si próprio, mais ele esquece de si próprio. O esquecimento aqui não está relacionado ao individualismo ou ao coletivismo, e sim à perda do seu próprio eu. O sujeito está cada vez atrelando a si a discursos de outrem, às tecnociências, a sistemas políticos e econômicos, tudo em vista de garantir a sua sobrevivência, enquanto o seu próprio ser é dominado em nome de um regime que o formata. Tais afirmações vão de encontro ao que Marx apresentou em sua obra *Manuscritos Econômicos Filosóficos* (1844) que, na interpretação de Teixeira (2013, p. 76), o “trabalhador, ao produzir, perde o que tem de mais elementar, se rebaixando à condição de coisa. Ele é dito pelo que produziu e não mais por sua humanidade”.

O homem, pelo uso do trabalho, foi capaz de racionalizar as coisas e delas vieram as causalidades, pois em certa medida, para sua sobrevivência ele se afirmou diante da natureza, tendo em vista uma liberdade, sendo capaz de dominar. E esse mesmo desejo de liberdade é que vem o aprisionando diante de si próprio, ao ponto de tornar o que é sagrado em uma banalização para se manter em um sistema, e perdendo também sua própria natureza de ser humano pela ação de tal sistematização que rege a sociedade.

Todos os seres humanos estão fadados a um agrupamento de agregação de grupos e alguns deste são mais fortes que os outros. Os mais fortes vão ditando as regras e os mecanismos da sociedade. O indivíduo que não se enquadrar em algum mecanismo e dita regras contrárias aos detentores do discurso majoritário tem seu discurso tachado como louco. Para Michel Foucault, na sociedade existem princípios que causam exclusão e um desses é a oposição à razão e à loucura. A razão é dada pelos detentores do discurso aos seres humanos e a loucura é o discurso do louco, daquele que se liberta do aprisionamento daqueles que ditam as regras pelo discurso, ou seja, o discurso do louco é aquele “cujo discurso que não pode circular como os dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância” (FOUCAULT, 1970, p. 10). De frente com esse pensamento foucaultiano, fica a pergunta ao leitor: qual discurso é verdadeiro, o da racionalidade ou o da loucura? E, diante da sociedade, que valor a sacralidade tem diante daquilo que é sagrado e como o homem se reconhece?

1.1 A TRANSIÇÃO DAS NOÇÕES DE SAGRADO

Os seres humanos se diferem de todas as criaturas devido ao fato de ser portador de algo que é exclusivamente seu, a linguagem. E dentro desse aspecto propriamente humano, a linguagem é o que ao longo da história favoreceu sua sobrevivência, pois é um campo de construção cultural e de relações, sendo uma causa naturalmente humana. Diante disso, o ser humano vai aderindo a si elementos que ao longo do tempo se tornaram sagrados e esses manifestam-se “sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais” (ELIADE, 1992, p. 12). Isto é decorrente pela compreensão de elementos que vão se dando como profanos e sob o domínio natural que o homem faz diante da vida espiritual, como também da vida concreta. Há um jogo de relações entre as ações humanas, as quais somente “a linguagem [...] pode sugerir tudo o que ultrapassa a experiência natural do homem mediante termos tirados dessa mesma experiência natural” (ELIADE, 1992, p. 12). Nota-se que o ser humano é um ser espiritual e cria elementos sagrados para manter sua vida espiritual e sua vida cotidiana. Dentro desses vão surgindo a ética e a moral.

O homem toma conhecimento do sagrado, na visão judaico-cristã, na medida em que o transcendente se manifesta a ele e também mediante aquilo que vai se estabelecendo como profano. Na atual conjuntura, o homem moderno experimenta um certo mal-estar diante das inúmeras formas de manifestações do sagrado. No tempo presente criam-se mecanismos para tornar a vida interativa e atrativa, bem como para solidificar uma verdade que convença as massas, onde alguns vão construir suas verdades nas tradições e as levam a um extremismo a ponto de escravizar o indivíduo e outros vão partir para modelos que são apresentados pela razão, que passa a ser verificada pela ciência e pela tecnologia, não tendo erros. É difícil para o homem contemporâneo, com o uso da razão, aceitar que para certos seres humanos

o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo [...] não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas com pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado. (ELIADE, 1992, p. 13)

Frente a tantos mecanismos que vão se estabelecendo, o homem vai aderindo a si tendências a viver dentro dos jogos que a sociedade estabelece e, conseqüentemente, os discursos que vão ganhando se solidificam como verdade em meio às culturas e às relações sociais. Não é um trabalho do dia para noite, mas na atual conjuntura a mídia facilita muito devido a atingirem grande parcela da sociedade. Além do ser humano querer sua ligação a algo, também deseja profundamente “ser” e participar da realidade. Para isto busca o poder, seja diretamente ou indiretamente.

O homem moderno se diferencia do homem das sociedades originárias, pois seu modo de pensar segue outro ritmo, já está interligado às ideias da Era Moderna. Para Eliade,

o ser humano originário “tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados” (1992, p. 13), pois para esse homem pré-moderno o sagrado equivale à realidade, perenidade e eficácia, tendo uma ligação com seu próprio “ser” e com a transcendência, dando um sentido para sua existência. Para o homem contemporâneo, por sua vez, o sagrado não passa de um atrativo, pois o indivíduo está preso em suas ficções no consumo e em vitrines, pois “hoje, em torno às catedrais, por exemplo, deixou de haver verdadeira vida, pois os centros urbanos tornaram-se um polo para as atividades burocráticas, comerciais” (MENDONÇA, 2018, p. 132). O ser humano, ao visitar essas catedrais, vai com o intuito de fotografar a beleza que ali existe, não buscando uma ligação com tal beleza/sagrado/transcendência, como faziam seus antepassados, mas algo que demonstre a alegria a outrem por meio de uma fotografia, recebendo “curtidas” nas redes sociais. Isso também está relacionado ao desejo de estabelecer um encontro com o passado para remontar sua história, mas muitas das vezes falha, pois ao sair das estruturas decai novamente na realidade circundante da sociedade produzida pela linguagem moderna.

1.2 A “MORTE” DE DEUS

O mundo contemporâneo vem passando pela dessacralização, no qual o sagrado não tem mais tanto sentido para a vida humana. Tal fato já é tão visível no continente europeu, tido como o guardião da fé cristã, ao ponto da nova conjuntura precisar passar por um processo de ação missionária. De uma potência evangelizadora como fora no passado, enviando vários missionários a cada canto do mundo, agora necessita de um caminho inverso. Com o processo de globalização que vai se dando no hodierno, que interfere e proporciona mudanças de pensamento, diante disso, Nietzsche proclamou a morte de Deus, que em consequência proclama a morte do próprio ser humano, pelo fato de ser também espiritual, fazendo com que este passe a procurar responder a si mesmo por meio de outros elementos para darem sentido à sua própria existência.

A morte de Deus na presente sociedade faz crescer a verdade de um sagrado à procura da sua encarnação sob novas formas no âmbito do seio social. Para Bastide, o sagrado que reaparece na cultura e na sociedade de hoje se apresenta como um sagrado selvagem, que “procura, por vezes, seus modelos nos transes coletivos das populações ditas primitivas, nos cultos de possessão que o cinema, a televisão e o teatro negro popularizaram” (1975, p. 143). Vemos que dessa forma o sagrado passa a ser domesticado e isto só é possível mediante à secularização e às formas como as novas ideias vão se construindo e como a linguagem de tal ação vai aderindo adeptos.

Mediante a fala proferida por Nietzsche, temos a tentativa de colocar um fim à sacralidade, a morte não simboliza o fim do sagrado, mas o fim da metafísica. Dessa forma, o filósofo proclama a liberdade humana de frente à questão religiosa, o pensamento nietzschiano anuncia efetivamente a morte da metafísica, sendo “Deus” um fator intenso e causador de

.....

racionalização e disciplina, que agora se encontra morto. Nesse sentido, Vattimo admite que “a condição humana, antes submissa a uma racionalização da existência, tornou “inútil” e obsoleta a hipótese extrema de um ser Supremo, fundamento e finalidade última do futuro do mundo” (2004, p. 21).

A ideia que se propagou foi a morte do Deus dos cristãos e um desejo de colocar um fim às religiões; Nietzsche, no entanto, deseja colocar um fim ao Deus dos Filósofos. Para Almeida (2009, p. 69), sob a ótica nietzschiana, “esgotou-se a possibilidade de negar-se filosoficamente a existência de Deus”. Mas tal possibilidade não foi ouvida, pois o ganho dessa morte proclamada desencadeou a formatação do atual sujeito contemporâneo, distorcendo o pensamento em nome de um ideal que não se torna contundente. Tanto Deus quanto as coisas sagradas na modernidade são representações de tudo aquilo que deve perecer em função de um novo renascimento do mundo pautado pelas próprias ações humanas, porque a partir de agora o ser humano pode caminhar sobre seus próprios pensamentos, ocasionando indiferença pela “falta de socialização religiosa e pela falta de um fundo constante de afirmação das crenças” (BRUCE, 2002, p. 240). O homem moderno deseja garantir sua autonomia, não estando apegado em ideias que ao si ver não condizem com a sociedade vigente, pois diante dos seus próprios ganhos, sejam eles no campo das ciências e tecnologias, quer a soberania da razão.

1.3 MORTE DO HUMANO

O ser humano contemporâneo é possuidor de um novo modo de ser devido às ideias que o formataram, o que o diferencia do modo como seus antepassados viveram nessa mesma esfera de mundo, chamada Terra. Cabe ressaltar que o humano do passado não era portador das mesmas experiências que o moderno vem passando em seu tempo, mas viviam sob os dilemas e preocupações específicas do seu tempo. Diante disso, o Papa Francisco nos fala os caminhos que a humanidade da contemporaneidade vem traçando, dizendo:

A humanidade entrou numa nova era, em que o poder da tecnologia nos põe diante de uma encruzilhada. Somos herdeiros de dois séculos de ondas enormes de mudanças: a máquina a vapor, a ferrovia, o telégrafo, a eletricidade, o automóvel, o avião, as indústrias químicas, a medicina moderna, a informática, e, mas recentemente, a revolução digital, a robótica, as biotecnologias e as nanotecnologias (LS. 102)

Tudo isso não quer dizer que tais ganhos e ações humanas sejam ruins, pois são frutos da semelhança de sua própria criação que se assemelha ao Criador. O Papa ainda esclarece que “é justo que nos alegremos com estes progressos e nos entusiasmemos à vista das amplas possibilidades que nos abrem estas novidades incessantes, porque a ciência e a tecnologia são um produto estupendo da criatividade humana que Deus nos deu” (LS 102).

O que nos chama a atenção é que a humanidade não foi educada mediante a tantas

consolidações de seus próprios ganhos. E a consequência disso é a perda do próprio humano em meio a sua criação, e com a deliberação no uso de sua racionalidade não faz reflexões no uso do seu próprio poder. O uso da razão o desencadeia em sua liberdade e seu desejo de ser plenamente autônomo o cega, pois a sua “liberdade adoece quando se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades imediatas, do egoísmo, da violência brutal” (LS 105). A consequência disso é sua nudez perante a si mesmo e, não tendo o controle do seu próprio poder, faz com que suas ações se tornem pretensamente verdadeiras em busca de sua própria satisfação. Isso ao ponto do seu semelhante não ser semelhante, da natureza ser somente meios de conquista e o transcendente/sagrado ser meios para justificar seus desejos.

Tais fatores estão fadados a permanecerem, pois já se tornaram mecanismos dominantes, ou seja, tornaram-se modos de vida centrados na satisfação, mediante aos desejos de cada ser em particular. Agora, os centros das organizações sociais não estão mais no sagrado ou na religião, pois segundo Patias (2007, p. 2), o

“eu” individual tornara-se o centro organizador, enquanto os centros organizadores antecessores a este, tornaram-se seus submissos. É o fato onde muitas pessoas assumem caráter egoísta e individualista, volvendo-se como centros do mundo e tendo seus submissos a religião, ou seja, o próprio divino.

Tal fator é notório quando voltamos ao passado e vemos diante das ideias dos renascentistas imbuídas do espírito iluminista deslocarem a visão de centro do mundo do Teocentrismo (Deus) para o Antropocentrismo (Homem). Desse modo, geram-se as grandes influências que desencadeiam as transformações que atingem os dias atuais, fazendo com que o mundo assuma uma nova configuração. Patias (2007, p. 3) esclarece que,

Deste modo, depois da decomposição do religioso que conduziu a uma diminuição da intensidade do(s) centro(s) sagrado(s) sacrificais, veio uma recomposição do religioso (sob outros aspectos) na qual o ser humano passou a ser o centro de um novo sagrado (pouco ou não sacrificial). Isso representa uma mudança de paradigma, uma vez que a verdade das religiões sofreu uma fragmentação em muitas pequenas verdades individuais.

Tais verdades formaram o ser humano puramente mal e violento, pois não tendo ligação com o sagrado não há ligação consigo mesmo e seu eu está fadado a procurar respostas para legitimar suas ações. E, dessa forma, vai acontecendo a desumanização, causando o mal moral, pois as formas de violência e desigualdade social tornam-se mais comuns, uma vez que o que se quer é desejo de se apoderar.

2 DEUS, O DESEJO E A TECNOLOGIA

Ao adentrar nesse contexto faz-se necessária uma breve análise de uma das questões fundamentais que regem o ser humano em todas as eras, o desejo. O homem é capaz de desejar devido a experiência de uma falta, assim deseja exatamente porque não possui. O desejo é tanto algo psíquico, emergindo do próprio Ser, quanto algo que surge de fora dele. Há provocações externas que motivam o desejo humano de possuir algo e que podem vir através de diálogos entre indivíduos, das mídias e até da cibercultura, um dos grandes marcos desse milênio. Mas em todos os casos supramencionados, o desejo é uma capacidade puramente do ser humano. Para Bello (2018, p. 25), essa habilidade que o sujeito possui

se concretiza sempre em desejos particulares. Contudo, toda coisa desejada, uma vez obtida, jamais satisfaz totalmente – o desejo de uma satisfação “total” permanece e não é suficiente transferi-lo novamente a uma ulterioridade que deve, por sua vez, ser justificada na sua contínua tensão.

Certamente se pode caracterizar o desejo como a coisa que impulsiona a humanidade, mediante a isso e estabelecendo um itinerário histórico, através do pensamento de Platão quando escreve a obra *Banquete*, nota-se pela fala da personagem Sócrates: “quando dizes que desejas o que já tens, não queres precisamente dizer isto: ‘Desejo possuir também no futuro os bens que atualmente possuo?’” (PLATÃO, 2008, p. 135), que o desejo é tão forte a ponto de fazer o ser humano desejar o que tem e o que não tem, mas o questionamento que fica para esse nosso tempo é se a humanidade sabe o porquê deseja ou o que quer desejar.

Michel Foucault chama a atenção sobre este aspecto diante de uma sociedade marcada por pronunciamentos voltados para a dominação, lutas e conquistas capazes de alienar os sujeitos pelo discurso, pois ele “não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto de desejo” (FOUCAULT, 1970, p. 10). Assim é necessário ao ser humano tentar traduzir o significado do desejo, ou seja, o porquê quer dominar, lutar ou conquistar, pois o desejo pode formatar sua própria vida, o tornando isto que é hoje, ou o reduzindo naquilo que ele próprio desejou.

No momento atual, a humanidade não se mantém no mesmo lugar com facilidade, pois há sempre uma constante mudança; assim pode-se dizer que os desejos não se fixam ao espaço nem se predem no tempo, não havendo algo que os solidifique. Exemplo disso temos no campo das ciências com seus avanços, onde há sempre algo a ser revisitado e reavaliado, ganhando aspectos novos enquanto extingue outros. E, dessa forma, pode-se caracterizar a modernidade a qual está em constante transformações. Mas, diante disso, como fica a questão da sacralidade nessa nova fase em relação ao Ser humano puramente desejante e que se encontra em uma permanente metamorfose de transformações? Para tal, é preciso caminhar em aspectos que caracterizam a modernidade já entendida como “Líquida”, dentro da qual se deve entender os “extremos” – o ceticismo/negação da religião institucional verso uma busca por um “reencantamento” do mundo através de espiritualidade/fundamentação religiosa.

2.1 O NASCIMENTO DO DEUS-DINHEIRO

Para dar início à contextualização dessa primeira problemática, a qual está relacionada com aquilo que move esse tempo, a sociedade contemporânea, marcada pelo capitalismo, gera um novo processo de racionalização pautado pelos interesses econômicos. Com as ideologias dessa Era voltadas para o consumismo, que provoca um extremo desejo no Ser, pois este com seus avanços se interliga às esferas políticas, científicas, tecnológicas e, para que o consumo aconteça, o indivíduo precisa de uma moeda, o dinheiro. Nesse novo milênio, ele pode ser caracterizado como o novo deus dos humanos, pois é capaz de estar em tudo e em todos, assim,

O deus maior, o júpiter pós-moderno, chama-se dinheiro. Tem vários nomes: dólar, euro, iene, real, e daqui a pouco dominará o mundo o *renminbi* chinês. Não interessa o nome, mas o poder aquisitivo e a facilidade de uso que ele oferece. A moeda, aos poucos, cede espaço para os diversos cartões automáticos que facilitam ainda mais a circulação monetária (LIBANIO, 2014, p. 42).

O consumismo ganha o seu deus, o dinheiro, que cumpre o papel de manter a economia e os desejos circulando, pois quanto mais se tem dinheiro, maiores são os novos atrativos elaborados pelas indústrias do consumo. Com isso, o dinheiro cumpre sua finalidade situando o homem no novo altar da modernidade, pautado pelas esperanças ditadas pela consciência de liberdade, fraternidade e igualdade.

O deus-dinheiro, com a capitalização, faz fomentar dois aspectos: felicidade e prazer. Tais estão presentes no corpo humano, acarretando nele desejos que vão de encontro com que a sociedade atual, o prazer cultiva o desejo pelo sexo; pelas academias, anabolizantes e até drogas em busca de uma satisfação e corpo perfeito ilustrado pelos meios de comunicação, que vão se incorporando à cultura. Dessa forma, vão se criando os projetos de felicidade, que é expressão do midiático, onde o indivíduo cria a ilusão de querer ter a vida de famosos e modelos, marcando suas mentes com o desejo de viver vidas que são fantasiosas. O consumismo esclarece o sentido do homem no mundo, o qual está desencantado, com isso o mundo comercialista reduz “o homem à esfera da produção de bens de consumo, ao depositar neles a felicidade” (LIBANIO, 1992, p. 91).

O dinheiro se torna o único caso de transformação, os sujeitos são dominados por ele, e aos desejos que ele oferece e proporciona. Quando o dinheiro e o consumo tornam-se o fim, há a anulação do sujeito e as relações deixam de ser mediadas por outros elementos além desses, “uma vez que não há mais meios, tudo passa a girar em torno da finalidade. É nessa chave que o dinheiro, a mais bem acabada abstração do mundo moderno, vai mostrar-se como a ferramenta mediadora que se tornará o fim último por excelência de qualquer coisa” (ROSADA, 2007, p. 4). Se a sociedade não tiver o cuidado, ela passará a ter esse novo deus consigo, pois o tornará sua única finalidade, sendo sua única força, e com a racionalização provocada, não irá romper com o círculo da produção e do consumo.

2.2 DETURPAÇÃO DE DEUS EM NOME DO DESEJO

No decorrer da história, criou-se modos de falar e de compreender a Deus. Desde o nascer da Igreja Antiga (em um contexto de cristianismo), fonte de todo um itinerário histórico que desencadeia até os dias atuais, com inúmeras ressignificações, com o intuito de salvaguardar e se ter uma melhor compreensão da fé. Nesse transcurso, vê-se um cuidado e insistência de muitos crentes para a compreensão de Deus Uno e Trino, onde algumas afirmações se deram como verdades e outras como falsas, algo comum diante da magnitude que é esse mistério chamado Deus.

A sociedade perpassou diversas transformações no último milênio, pautada pelos avanços econômicos, científicos e tecnológicos que ocorreram após as duas guerras mundiais. Sem falar no mundo que foi se concretizando pelas ideias que surgiram após as revoluções francesa e industrial. Pautado por transformações e revoluções, o sujeito contemporâneo se ‘autoemancipa’ em relação às ideias que lhe foram fomentadas ao longo dos séculos e vai se tornando cada vez mais autônomo frente às teorias pautadas pela tradição, como a fé, Deus e a instituição religiosa. Também acontece o contrário, pois há muitos indivíduos que utilizam desses mecanismos citados para legitimar seu poder e sua soberania com opressão.

A humanidade caminha sem se dar conta para um narcisismo, guiada somente pelos interesses próprios, a ponto de grupos e/ou indivíduos se fecharem em si mesmos e fazendo com que a vida seja reduzida e aprisionada. Nesse aspecto, Mendonça (2018, p. 113) nos diz que “nos centros comerciais consomem-se bens, nos afetos e nas relações consomem-se pessoas e na vida religiosa consumimos o sagrado, colocando-o ao nosso uso”. A vida fica à deriva do desejo, desencadeando caprichos e paixões enganadoras. Desejos assim acabam se tornando estéreis, porque o desejo pelo desejo não causa comprometimento e sim insatisfações que causam um exílio, e o ser decai em um abismo sem saída.

Disso decorre uma não-compreensão de si mesmo, como também do Deus uno e trino, ou seja, o homem não mais se reconhece e vai aderindo a si elementos externos, que estão no topo da cadeia da ditadura do controle a ponto de formatar vidas. No caso do Ser Supremo, tais controladores distorcem a veracidade Dele para garantir superioridade e poder. Isso é presente na forma com que os homens deram ao longo da história a centralidade no Deus somente como o Deus-Pai, esquecendo que em Deus há uma unidade que compõe Três Pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, tais aspectos são encontrados e se tornam fatos verídicos em Jesus Cristo na sua ação reveladora. O desejo pelo poder na figura patriarcal faz com que a sociedade tenha a dimensão de Deus somente como Pai, ou seja, o Pai “todo-poderoso, onisciente, Juiz supremo e Senhor absoluto da vida e da morte” (BOFF, 1986, p. 26).

Dessa forma, a legitimação nessa concepção do desejo torna legítima suas ações, faz com que o ser humano vá aderindo a si elementos que o caracterizam, esquecendo a unicidade (comunhão), como encontramos na Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. A mentalidade que se tem é que o Filho é submisso ao Pai e que o Espírito nega a autoridade do Pai e do Filho.

Isso leva os seres humanos a vivenciar um nó que faz com que a consciência não caminhe para a unidade como se encontra na Trindade, elencando somente uma das três Pessoas, para justificar o seu próprio desejo.

2.3 ENTRE DEUS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

No livro do Gênesis, um dos livros bíblicos tidos como sagrado pela tradição de algumas religiões, como o Judaísmo e o Cristianismo, em seu o primeiro capítulo encontra-se o seguinte versículo: “Façamos o homem à nossa imagem conforme nossa semelhança” (Gn 1,26). Para o filósofo francês Paul Ricoeur (1968, p. 112), tal afirmação narrada e elaborada pela escola de teólogos sacerdotais resume a doutrina do homem que “por certo não apreendiam de uma só mirada toda sua riqueza implícita. É tarefa para os séculos refletirem sempre renovadamente a partir desse símbolo indestrutível”. Possivelmente não há uma resposta para tal versículo diante do mistério Trinitário, mas que Deus, ao criar o homem, deseja que este torne-se aquilo que ele próprio é, amoroso, bondoso e misericordioso. Esse paradoxo traduz um pensamento segundo o qual o homem deve amar, ser bondoso e misericordioso consigo mesmo e com todas as coisas criadas. Também cabe relembrar que não há uma definição que rotule o que é o homem a não ser “Ser Humano”, e este não terá uma resposta definitiva, mas sempre discursos e reflexões ao seu respeito.

É notório e vai se tornando cada vez mais visível quando se estuda cada período histórico, que a sociedade vai se valendo de mitos, de maior ou menor alcance, para dar razões e sentido à vida humana. Um dos grandes marcos oriundos da modernidade, que antes era considerado um mito e hoje é algo que cada vez mais é crescente em nosso meio é a “Inteligência Artificial” (IA), ainda mais devido ao poder econômico que ela vem acarretando ao longo do tempo. A IA

deu início a um campo de conhecimento associado com linguagem e inteligência, raciocínio, aprendizagem e resolução de problemas. Configurando-se como a mais relevante apropriação das tecnologias na contemporaneidade, a IA propicia a simbiose entre humano e máquina ao acoplar sistemas inteligentes artificiais ao corpo humano e, por meio da interação entre homem e máquina, como duas “espécies” distintas conectadas. (KAUFMAN, 2016, p. 2).

O pano de fundo que a IA traz para a sociedade e para o homem é algo benéfico ao ponto de facilitar a vida, o trabalho e obter mais rendimentos, mas, na verdade, o que ocorre é a substituição do homem pela máquina, além disso, ela vai concretizando desejos humanos consumistas. As tecnologias elaboradas pelo homem desencadeiam em reverter a revolução humanista, destituindo humanos de sua autoridade e passando o poder a algoritmos não humanos movidos por Inteligência Artificial.

Pelos avanços tecnológicos no transcurso da humanidade, novamente se percebe outra forma encontrada pelo próprio homem de se desligar do Transcendente. O desejo que vai

se formando é da criatura se tornar criador e, assim, a criatura vai aderindo a si novos mitos que se apresentam como verdades, ou seja, ela toma consciência que a sua semelhança vai aderindo às suas criações, deixando de lado a semelhança de Deus.

Nessa constante dessemelhança ao criador, o homem embutido de suas criações vai elaborar meios para justificar seus feitos frente a si mesmo, como também à sociedade. Isso foi muito visível no tempo do nazismo, onde se criaram mitos para que os cientistas fizessem vários experimentos em nome de um saber contrário aos ditames da ética, da moral e/ou da vida. Mas isso talvez não esteja longe de acontecer, pois os pensamentos mudam e, quando atingem a religião, é quase impossível retirar as ideias de tais respeitos de seus adeptos até que surja outra problemática. E com a chegada das tecnologias e das ciências, o homem está deixando as religiões que se consolidaram ao longo dos séculos e têm como regente um ser transcendental que satisfaz seus desejos, o Homo-deus, o novo ser humano-máquina, que terá algoritmos sofisticados impossíveis de erros.

Para Harari (2016, p. 355), já há duas religiões, as quais ele denomina de *tecnorreligiões*, a saber: o Tecno-Humanismo e Religião de Dados, de forma que, no primeiro caso, “para o tecno-humanismo, o Homo Sapiens, tal como o conhecemos, já esgotou seu curso histórico e não será mais relevante no futuro; portanto, deveríamos usar a tecnologia para criar Homo deus - um modelo humano muito superior”. Diante disso, Harari (2016, p. 356) ainda considera que a ideia preserva muitos valores humanistas tradicionais, pois “o tecno-humanismo busca aprimorar a mente humana e nos dar acesso a experiências desconhecidas e a estados de consciência não familiares”. Não apenas a condução por dimensões até então não exploradas, mas também a manipulação das vontades, “mas, uma vez de posse desse controle, o tecno-humanismo não saberia o que fazer com ele porque a sagrada vontade humana se tornaria apenas mais um produto de um designer” (HARARI, 2016, p. 369).

Já o segundo caso, sobre a religião de dados, Harari, trata como a conversão das experiências humanas em uma *internet* de todas as coisas. Ele nomeia tal fenômeno como dataísmo e este consiste na compreensão de toda a realidade por ser dimensionada em um pequeno conjunto de dados, sendo intercalados a outros circuitos maiores de processamento. Segundo Silva (2019, p. 480),

é levantada a questão sobre alguns dos mais importantes sistemas de controle social do nosso tempo: democracia e capitalismo e, se eles conseguiram subsistir as revoluções tecnológicas empreendidas pelo dataísmo. Toda a história humana é uma história de processadores de dados pertencentes a estágios diferentes de aprimoramentos.

Com as revoluções que ocorrem em cada período histórico, que possibilitaram ao homem um melhoramento de suas atividades e técnicas, sejam elas na agricultura, ciência e tecnologia; perante o século XXI, consiste em meios de processamento de dados. E que agora

são significativamente superados por uma grande rede de interconexão contendo uma escala universal. Segundo Harari, essas funções algorítmicas levam o autor a pensar na possibilidade do fim da espécie humana, pois “a criação de um sistema de processamento de dados ainda mais eficiente, chamado internet de todas as coisas. Uma vez cumprida essa missão, o Homo Sapiens desaparecerá” (2016, p. 383).

Nota-se que, diante dessa indagação, há uma constante busca em que o homem moderno se encontra. Segundo Ricoeur (1968, p. 120), a “busca da estima alheia que é essencial à nossa existência própria; pois, até certo ponto, existimos graças ao reconhecimento alheio, que nos valoriza, nos aprova ou nos desaprova e nos devolve a imagem de nosso próprio valor”. O próprio homem vem construindo sua dessemelhança do Transcendente e caminha para o encontro com as mediações das tecnologias e das ciências para se sentir dentro de uma cultura que vem sendo implantada, fazendo com que o Criador se torne mais um mito, pois não é reconhecido pelo por sua criatura. E não sendo conhecido não tem a imagem de si próprio perante a sociedade.

3 UM RETORNO À CRIAÇÃO

Nesse momento, iremos discorrer sobre a narrativa de uma literatura que em sua história data mais de dois mil anos. Uma volta ao passado para dar respostas ao ser humano contemporâneo. Tal narrativa está presente em um conjunto de compilados bíblicos, que para os judeus se chama *Torá* (Lei), para os Cristãos *Pentateuco* (cinco rolos), dentro desse conjunto vamos nos deter na primeira obra: Gênesis, que narra as origens do mundo e do povo israelita, atingindo a grande parcela da sociedade em todas as épocas. De início, é preciso fazer a delimitação do trecho a ser trabalhado, a perícópe escolhida é Gn 1, 26-28 apresentada da seguinte forma:

Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme nossa semelhança! Que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre todos os animais domésticos acima da terra, bem como sobre todo réptil que rasteja sobre a terra”! E Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. Deus os abençoou e Deus lhes disse: “Frutificai e multiplicai-vos! Enchei a terra e sujeitai-a! Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo ser que rasteja sobre a terra.

À primeira vista, temos Deus, fazendo um convite, o qual é notado pelo verbo que está no plural indicado pela palavra “façamos”, essa expressão do verbo se origina das “formas” que o Hebraico Bíblico possui para expressar o que chamamos de “Volitivo”, isto é, quando o orador expressa a sua vontade ou intenção. Segundo Loretz (1979, p. 73) tal verbo indica que “a divindade criadora convida as divindades circunstantes (os filhos de Deus ou a assembleia dos deuses) a assistir à formação do homem, o qual deve ser feito segundo a imagem e a

semelhança divina.”

Deus, ao criar o “ser humano à nossa imagem, conforme nossa semelhança”, proporciona a esse ser o domínio da razão. Loretz (1979, p. 73), ao trazer o pensamento de Agostinho, e interligando ao seu, demonstra bem essa ideia da seguinte maneira:

‘segundo a nossa imagem’ pospõe de imediato ‘e ele deve dominar os peixes do mar e os pássaros do céu’ e todos os outros animais privados da razão. Daí, devemos entender claramente que o homem foi criado segundo a imagem de Deus, justamente naquilo em que se diferencia de todos os outros seres vivos privados.

A palavra “imagem” significa “natureza”, “na concepção antiga a imagem não era apenas uma semelhança do ser representado, mas participava dele, em certo sentido era ele mesmo” (VAN DEN BORN, 1987, p. 715); temos, portanto, o homem sendo moldado com a mesma semelhança e imagem de Deus, dotado de conhecimento e razão.

O verbo “domine”, em sua nomenclatura “indica a posição do ser humano, é uma palavra ousada, visto que tirada da linguagem da realeza.” (KRAUSS; KÜCHLER, 2007, p. 42). O ser humano capaz de dominar significa a sua missão de formação cultural do mundo. Nesse contexto, vemos que esse domínio está na força que o homem recebeu ao ser criado à semelhança de Deus. E esta afirmação é encontrada também no livro do Eclo 17,3-4 que diz: “Revestiu-os de força como a si mesmo, criou-os à sua imagem. A toda carne inspirou o temor do homem, para que ele domine feras e pássaros”.

Depois de criar o ser humano à sua imagem e semelhança, Deus lhe dirige a tarefa de dominar os outros seres vivos. O ser humano dotado de racionalidade recebe essa ordem como predestinação do cuidado com as coisas criadas e para isso requer conhecimento, o uso adequado desse domínio. Porque a semelhança e a imagem devem refletir o cuidar fielmente daquilo sobre o qual Deus lhe concedeu o domínio. O Papa Francisco nos chama a esse cuidado para a casa comum de todos os seres vivos, pois na atual conjuntura há uma depredação dessa casa comum, que é a Terra. E pelo domínio, o ser humano recebeu de Deus o dever de cuidar desse bem que Ele criou e viu que era bom. Entendemos isso como uma vocação que consiste no cuidado sobre os seres vivos. Os seres humanos têm o privilégio e o desafio de governar sobre a criação, de dominá-la e sujeitá-la; isto implica autoridade e poder. Como esse “ser” é representante de Deus, cabe ao homem o dever de exercer esse poder como Deus o faria. Temos aqui a expressão do cuidado com a vida, com a natureza, com as coisas criadas, e que não cabe ao homem o desejo de dominar sobre a criação com superioridade para destruí-la, mas para amá-la. Um dom que é entregue a ele pelo próprio Deus.

O verbo “criou” é “o termo técnico da teologia bíblica da criação é o verbo *bará*, que o AT reserva exclusivamente para a ação de Deus” (A.VAN DEN BORN, 1987, p. 314). Para Rodrigues e Rodrigues (2020, p. 365), “o ato de criação por parte de Deus como um gesto espontâneo, incomparável, livre e sem analogia, revelando o profundo e extraordinário trabalho de Deus, em criar, do primeiro ao sexto dia.”, o ser humano, que é imagem e

semelhança de Deus, é a última criatura a ser plasmada.

3.1 MAIORIDADE E CUIDADO

Kant, ao escrever sobre o esclarecimento, faz um convite aos seres humanos a saírem da tutela de outrem e tornarem-se esclarecidos, por meio do “ousar saber”. Os homens que vivenciam a tutela, estando no estado minoritário, vivem na dimensão do “não raciocinai, mas fazei o exercício, não raciocinai, mas pagai, ou até mesmo não raciocinai, mas crede” (KANT, 2017, p. 145). O não uso da razão o aprisiona a uma manipulação, os sujeitos por natureza necessitam sair do “não raciocinai”. Em uma correlação antropológica-bíblica estão fadados a fazerem o uso público da razão, pois quando são criados já são dotados de racionalidade ao ponto de se assemelhar ao Criador. Quando não acontece tal fenômeno, o sujeito vive a menoridade enquanto

estado da vontade que nos faz aceitar a autoridade de outrem, na qual impera a necessidade de ser conduzido por uma outra pessoa, ou mesmo por uma instituição, uma vez que o sujeito se mostra incapaz de se conduzir por si próprio. Se tem alguém que é responsável por estar na minoridade, é o próprio sujeito. (BRÍGIDO, 2017, p. 138).

O estado de menoridade se torna cômodo, pois não é a falta de um entendimento, mas a falta de uma determinação em usar o próprio entendimento para além de si mesmo. Tal esclarecimento deve ocorrer de forma coletiva, em toda a espécie humana, pois se não acontecer, novamente o ser ao quebrar as correntes do “não raciocinai”, terá seu discurso tachado como de um louco, como já vimos acima. Afirma Kant (*apud* BRÍGIDO, 2017, p. 145) que “esse esclarecimento não exige, todavia nada mais o que a liberdade, e mesmo a mais inofensiva de todas as liberdades, isto é, a de fazer uso público de sua razão em todos os domínios”.

Nota-se que a maioridade leva o ser humano em busca de sua liberdade, e essa constrói a própria dignidade do homem. O Papa Francisco aponta que

a Bíblia ensina que cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e à semelhança de Deus (cf. Gn 1,26). Esta afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana, que “não é somente alguma coisa, mas alguém, é capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas” (LS 65).

O homem contemporâneo precisa conhecer, fazer o uso público da razão, rompendo com as tutelas externas, em defesa da dignidade, a qual é fruto da racionalidade profunda. Tal feito é a certeza de que a vida de cada pessoa não se perde num caos desesperador, como está acontecendo na atual sociedade do consumo, das relações midiáticas, das verdades estarem

dominadas pelos detentores dos discursos. E como somos formados à imagem e semelhança de Deus, somos frutos de um pensamento que é capaz de libertar não de escravizar. No entanto, somente o uso público da razão não é suficiente para o processo da maioridade, pois o sujeito está preso na minoridade pela preguiça, com o próprio Kant (2017, p. 143) pondera:

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma parte tão grande dos homens, libertos há muito pela natureza de toda tutela alheia (*naturaliter majorennnes*), comprazem-se em permanecer por toda sua vida menores; e por isso que é tão fácil a outros instituírem-se seus tutores.

Essa tutela se torna um mecanismo perigoso, pois não liberta o homem, mas o escraviza, visando garantir o poder. E consequentemente isso caiu também no campo da religião, onde “a harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus” (LS. 66). Desse modo gera-se o mal moral, o qual não possibilita o crescimento do homem. O esclarecimento proposto por Kant se faz necessário e vai de encontro com aquilo que originalmente foi a proposta do Criador, que todos os homens fizessem o uso público da razão (do conhecimento), e tal uso desencadeia na dinâmica do cuidado, tanto com o próprio ser humano com também para as coisas criadas.

3.2 O RECONHECIMENTO DE SI NA CRIAÇÃO

Uma das perguntas basilares, que move muitas ideias, está relacionada no questionamento “o que é o homem?”, porém, desde a revolução cartesiana vemos no mundo “uma nova ideia de razão que transforma profundamente a autocompreensão do homem” (LIMA VAZ, 2006, p. 75). Nesse sentido, tais mudanças, vindas das ciências, da linguagem e ou de ideias naturalistas, evidenciaram uma crise que imperou no universo do ser humano, inúmeros símbolos e representativos da realidade, em que cada qual em sua maneira elabora uma teoria para que seja o homem.

No contexto bíblico, o homem é formado à imagem e semelhança do Criador, como já vimos, e ao longo de sua jornada faz sua ligação com o Transcendente. A compreensão do homem como ser histórico-existencial desencadeia a estrutura de “ser”, o qual é caracterizado como dignidade e pessoa. Dentro desse eixo, temos a dimensão espiritual, em que seu espírito “se dimensiona para o céu, para o transcendente da alteridade, se abre ao mistério do outro e do Grande Outro, transcende os mecanismos do princípio da realidade, vive uma liberdade em aberto, é ilimitado e é imortal” (CAVACA, 1996, p. 88). Dessa forma, como ser histórico e espiritual, o homem é um ser cultural, interpretador e transformador do mundo.

Como vimos acima, o ser humano, ao ser criado, recebe o mandato de Deus para dominar; esse verbo é apresentado duas vezes, e está relacionado ao homem, que ao ter o conhecimento domine a criação. Em uma perturbação da realidade e um desejo de se igualar ao Criador, o homem lançou pensamentos contra a narrativa bíblica com discursos contrários

em nome de seus próprios ideais. A interpretação que se deu pelos detentores do discurso na atual sociedade em relação a essa narrativa é de convidar o ser humano a “dominar” a terra favorecendo a exploração selvagem da natureza, como dominador e devastador. Isso decorre na destruição de todo um ecossistema em nome de uma conquista desencadeada pelo querer de um poder, não tendo sequer um sentimento de culpa, pois precisa conquistar e consumir. Essa afirmação, segundo o Papa Francisco é errônea, pois a Igreja não entende assim (cf. LS 67), e ele continua dizendo que

É importante ler os textos bíblico no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a “cultivar e guardar” o jardim do mundo (cf. Gn 2,15). Enquanto “cultivar” quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, “guardar” significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza. (LS 67).

O domínio é próprio do ser humano, que tem o dever de guardar e favorecer a vida, o ciclo da casa comum, que é responsabilidade de todos. A ação de dominar faz com que os seres humanos estejam integrados com o planeta, e é nessa interação que vai se formando o homem que reconhece a si mesmo como também as coisas criadas e, a partir delas, se reconecta com o Criador tornado sua imagem visível ao mundo, aos povos, à sociedade. As especulações a seu respeito em decifrar o que é o homem, vão passar a ser caracterizadas por responder um ser que é conhecedor, amante de si mesmo e dos outros. O ser humano caminha para sua construção diária, a qual procura dentro de si algo que já existe, sua própria essência.

3.3 O DESEJO ABERTO PARA O TRANSCENDENTE

Hoje, frente às crises da sociedade, produzidas pela própria humanidade, a construção de um novo ser humano é necessária. Um que se reconstrua a partir sua própria existência, pautado por elementos que fundam a si próprio e o Transcendente. Os aparatos dessa construção estão interligados ao conhecimento, cuidado e domínio, na visão de Boff (1999, p 191) suas “ressonâncias negativas se mostram pela má qualidade de vida, pela degradação ecológica e pela exploração exacerbada da violência”. Diante disso, a resposta a essa construção está no próprio homem, Nodari (2011, p. 161), trazendo o pensamento agostiniano, expressa que

Para Agostinho, o ser humano não seria capaz apenas de linguagem com os outros. Ele é capaz de linguagem interior. É capaz de falar consigo próprio. De modo metafórico pode-se dizer ser a capacidade dele penetrar dentro de si mesmo e, conseqüentemente, sentir a necessidade do outro. Significa voltar-se para si mesmo numa atitude reflexiva. Significa, em outras palavras, voltar-se para a interioridade.

Essa interioridade desencadeia uma reflexão radical, diferente do pensamento moderno, pois para Agostinho, a busca da interioridade resulta na íntima busca de Deus/sagrado, que favorece a construção do próprio sujeito. O passo para a interioridade desencadeia o passo

para Deus, é um passo para as atividades cognoscentes; pois aquele que “conhece a Verdade, conhece a Luz Imutável, e quem a conhece, a conhece a Eternidade. O Amor conhece-a! Ó Verdade externa, Amor verdadeiro, Eternidade adorável! Vós sois o meu Deus! Por Vós suspiro noite e dia” (AGOSTINHO, 1973, p. 10). Através das coisas criadas, o homem se interliga ao Criador se tornando sua imagem e semelhança, através dos seus instintos e razão, cuidado e domínio afirmam integralmente a questão da verdade plena e total, sendo uma adesão ao infinito mistério.

Quando o ser humano se abre ao mistério, torna-se alguém plenamente habitado por ele, pois “se o homem fala de Deus é porque Deus o habitou a tanto” (ZILLES, 2004, p. 16). Tal ação decai na pergunta que elabora a provocação de sua existência, ou seja, a acerca de preencher mais e melhor sua existência, favorecendo seu crescimento. A resposta está na religião e no sagrado, pois a existência é o que dá sentido a eles. Nesse contexto, a existência decai no desejo:

A abertura à infinidade do desejo humano só pode ser preenchida por algo ou alguém que seja absoluto. O abismo infinito só pode ser preenchido por um objeto infinito e imutável, quer dizer, pelo próprio Deus. O amor verdadeiro deseja a eternidade. Toda alegria quer a eternidade, quer a profundidade da eternidade (NODARI, 2011, p. 164).

O desejo de eternidade se encontra nas profundezas da própria existência do ser humano. Trata-se de uma busca, que não tem um fim, pois ela sempre só alcança o finito, o inacabado, o imperfeito, que por sua vez procura e chama para si o outro para fazer parte de sua construção, o absoluto. Só a semelhança ao Criador, ao sagrado dá essas vivências ao homem, que se torna absoluto, e marca o surgimento do próprio ser humano, pois ao reconhecer a semelhança a Deus, reconhece sua identidade de criatura amada. Só o que é Absoluto constrói os confins do projeto da humanidade, e doa ao homem as formas para o descobrir, para o raciocinar, para o cuidar e para o dominar, ou seja,

a experiência de Deus, enquanto experiência última é uma experiência não só possível, mas também necessária para que todo ser humano chegue à consciência de sua própria identidade. O ser humano chega a ser plenamente humano quando faz a experiência de seu último ‘fundamento’, do que realmente é. (AGOSTINHO, 1998, p. 21).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido foi olhar a realidade no que diz respeito ao ser humano e o sagrado e trazer ao homem uma reflexão sobre si mesmo e sua ligação com o transcendente, tendo como referencial sua própria humanidade e condição de criatura amada. Sua conjuntura desencadeia em elementos próprios com a linguagem, vida cotidiana e vida espiritual. Essas desembocam e fundam sua racionalidade, o cuidado e o domínio, constituindo sua identidade.

O homem contemporâneo tem sua imagem deformada devido aos dizeres da sociedade

naquilo que o forma; é necessário um uso da razão que o liberte das amarras da sociedade. A razão é a característica de sua essência, e ela deve ser exercitada de forma autônoma, em aparatos que permitem um olhar para dentro de si, reconhecer sua própria natureza e, conseqüentemente, o próprio Criador. A utilização da racionalidade favorece o parâmetro da purificação dos desejos os quais estão interligados a sociedade e possibilitando de ver a Criação (a casa comum) com o olhar do Criador.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA, português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2016.

_____, português. **Pentateuco**. Trad. Elizangela Chaves Dias et. al. São Paulo: Paulinas, 2021.

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, VI).

_____, **Solilóquios**. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística, 11).

ALMEIDA, K. C. Cristianismo e secularização, violência e sagrado: considerações a partir de Gianni Vattimo. **Correlatio**. n. 15, jun. 2009.

BASTIDE, R. **O sagrado selvam**. Trad. Rita de Cássia Amaral. Paris, Payot. 1975.

BELLO, A. A. **O sentido do sagrado da arcaicidade à dessacralização**. Trad. de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, Dilson Daldoce Júnior. – São Paulo: Paulus, 2018. Coleção Mundo da vida.

BOFF, L. **A Trindade, a sociedade e a libertação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRÍGIDO, Edimar. Esclarecimento (aufklärung): uma proposta kantiana. In: GABRIEL, Ana Cássia. et al. **Diálogos contemporâneos entre Filosofia e Educação**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. p. 137-149.

BRUCE, S. **God is adead: secularization inthe Wst**. London: Blackwell, 2002.

CAVACA, O. Teologia: ciência de Deus e do homem, substrato antropológico do pensamento teológico da libertação, a partir de Leonardo Boff. **Revista de Cultura Teológica**. n. 16, jul. set. 1996.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Carta encíclica**. Laudato Si’: sobre o cuidado da casa comum. São

Ressuscitar o humano: A necessidade de repensar o lugar do sagrado na contemporaneidade

.....

Paulo: Loyola; Paulus, 2015.

_____, Papa. **Exortação Apostólica**. Evangelii Gaudium. São Paulo: Loyola; Paulus, 2013.

HARARI, Y.N. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KANT, Immanuel. Resposta ao que é esclarecimento. In: _____. Esclarecimento (aufklärung): uma proposta kantiana. In: GABRIEL, Ana Cássia. et al. **Diálogos contemporâneos entre Filosofia e Educação**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. p. 137-149.

KAUFMAN, D. Inteligência artificial: questões éticas a serem enfrentadas. **Controle do IX Simpósio Nacional da ABCiber**. Dezembro 2016.

KRAUSS, H; KÜCHLER M. **As origens**: um estudo de Gênesis 1-11. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas. 2007.

LIBANIO, J. L. **Introdução à Teologia Fundamental**. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Introduções)

_____, J. L. **Teologia da revelação a partir da modernidade**. São Paulo: Loyola. Ed.7, 1992.

_____, J. L. **Saber cuidar: ética do humano- compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LIMA VAZ, H. C. de. **Antropologia filosófica I**. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LORETZ. O. **Criação e mito**: homem e mundo segundo os capítulos iniciais do Gênesis. Tradução José Américo de Assis Coutino. São Paulo: Paulinas, 1979.

MENDOÇA, J.T. **Elogio da Sede**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção travessias)

NODARI, P. C. A busca de Deus nos Solilóquios de Agostinho. **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 41, n. 1, pp.150-168, jan./jun.2011.

PATIAS, J. C. **O sagrado e o profano**: do rito religioso ao espetáculo midiático. São Paulo, 2007. Disponível em <[http://www.pluricom.com.br/forum/o-sagrado-e-oprofano-do-rito-religioso-ao/?searchaterm=o sagrado e o profano: do rito religiosos ao espetáculo midiático](http://www.pluricom.com.br/forum/o-sagrado-e-oprofano-do-rito-religioso-ao/?searchaterm=o+sagrado+e+o+profano:do+rito+religiosos+ao+espetaculo+midiatico)>. Acesso em: 13 set.2021.

PLATÃO. **Banquete**. 3. ed. São Paulo: Martins Claret, 2008.

RICOEUR, Paul. **História e verdade**. Trad. F.A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

RODRIGUES, M. W.; RODRIGUES, S. J. Princípios ambientais e sua relação com o mandato cultural expresso em Gn 1,26-31 Gn 2,5-8. In ALMEIDA, F. A. (Org.). **Ciências das religiões**: uma análise transdisciplinar. Guarujá: Científica Digital, 2020. Disponível em:

<https://downloads.editoracientifica.org/books/978-65-87196-50-3.pdf>. Acesso em 19. ago. 2021.

ROSADA, M. Divinização do dinheiro, secularização de Deus. **Monografia** (Disciplina de Pós-Graduação), Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007. Disponível em <encurtador.com.br/dmwV3>. Acesso em: 16 ago. 2021.

SILVA, E. Homo Deus: uma breve história do amanhã. **Paralellus**, Recife, v. 10, n. 25, set./dez. 2019, p. 475-481.

TEIXEIRA, T. A perda do humano fixado no objeto e o problema moral nos limites do pensamento de Karl Marx. **Pensar**. v. 4, n. 1, pp 75-86, 2013.

VAN DEN BORN, A. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

VATTIMO, G. **Depois da cristandade**. Trad. Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Recorde, 2004.

ZILLES, Urbano. **Crer e compreender**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.